

1.4 Córregos vivos: Imaginações para uma bacia hidrográfica

Frederico Canuto [0000-0002-7398-4982], Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte, Brasil. fredcanuto@gmail.com

Resumo – O presente capítulo tem como objetivo discutir os rios urbanos e seus imaginários, a partir das narrativas obtidas dentro da Mostra Córregos Vivos, e tendo como território de investigação a unidade geográfica da Bacia Hidrográfica do Cercadinho, na região oeste de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. A Mostra organizada numa plataforma virtual foi financiada pela prefeitura de Belo Horizonte a partir da Lei de Incentivo à Cultura, e idealizada e sob coordenação geral da arquiteta e artista visual Louise Marie Cardoso Ganz, com equipe curatorial composta da mesma e Frederico Canuto, Ana Paula Baltazar, Alexandre Campos e Isabela Izidoro. O objetivo do presente texto é discutir os imaginários relacionados às águas e rios urbanos a partir da Mostra, usando seus trabalhos comissionados a grupos escolhidos por edital, produção de material pedagógico, correspondências livres entre participantes e catálogo. O que apreendemos de tais narrativas dizem respeito às águas e rios urbanos não apenas como uma questão relacionada à técnica, mas sim como discutido em cada parte do texto a uma vida social abrangente que envolve economia dos afetos, imagens, testemunhos e memórias.

87

Palavras-chave – imaginários, narrativas, testemunhos, memórias, Belo Horizonte

Resumen – Este capítulo tiene como objetivo discutir los ríos urbanos y sus imaginarios, a partir de narrativas obtenidas en la Mostra Corregos Vivos ocurrida en 2020, teniendo como territorio de investigación la unidad geográfica de la Cuenca Hidrográfica de Cercadinho, en Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. La muestra, organizada en una plataforma virtual fue financiada por la ciudad de Belo Horizonte a través de la Ley de Incentivo a la Cultura y concebida / coordinación general de la arquitecta y artista visual Louise Marie Cardoso Ganz y con un equipo curatorial integrado por Frederico Canuto, Ana Paula Baltazar, Alexandre Campos e Isabela Izidoro. El objetivo de este texto es discutir los imaginarios relacionados con las aguas y ríos urbanos a partir de la exposición, utilizando sus trabajos comisionados a colectivos elegidos mediante convocatoria pública,

producción de material pedagógico, libre correspondencia entre participantes y catálogo. Lo que inferimos de tales narraciones atañe a las aguas urbanas y los ríos no solo como un asunto relacionado con la técnica, sino como se aborda en cada parte del texto a una vida social integral que involucra la economía de los afectos, las imágenes, los testimonios y los recuerdos.

Palabras clave – imaginarios, narraciones, testigos, memorias, Belo Horizonte

1. PROVOCAÇÕES PARA IMAGINAR

Na Mostra Córregos Vivos, ocorrida ao longo do ano de 2020, pretendeu-se discutir os rios urbanos a partir de seus imaginários, tendo como território de investigação a unidade geográfica da bacia hidrográfica do Cercadinho, na região oeste de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Nesta cidade, cujo princípio de ocupação territorial foi pensado a partir do traçado das vias e do parcelamento da terra, onde os córregos foram tamponados e violentados ao longo da história, são poucas as águas – nascentes, córregos e ribeirões – que restam a céu aberto e que são vividas como espaço socioambiental. Microcosmo dessa violência, a Bacia Hidrográfica do Cercadinho, localizada na região oeste da cidade, possui dois córregos principais – Cercadinho¹ e Ponte Queimada² –, que ainda que permaneçam em seu leito natural em alguns trechos, são desconsiderados e maltratados por estarem poluídos devido ao despejo de esgoto doméstico. Uma situação sempre tensa, pois, os rios permanecem abertos apesar dos esforços de uma cidade que só quer fazê-los desaparecer. Aqui se expõe a fratura de um projeto moderno. Ou ainda melhor, deixa a mostra o que o antropólogo Bruno Latour diagnostica em seu livro *Jamais fomos modernos* (1996). A passagem da era da natureza para a da cultura humana na Modernidade não se fez como tal, sendo que hoje o que temos é uma ideia de substituição de uma pela outra que inevitavelmente levará o próprio planeta a morte com irrupções que nada mais são que a emergência de Gaia, um planeta que responde ferozmente as ações humanas, como afirma Latour (2020) em seus mais recentes escritos. Ou, como coloca um outro antropólogo,

88

¹ O córrego **Cercadinho** é um dos cursos de água que compõem a bacia do Cercadinho, localizada na região oeste de Belo Horizonte, Minas Gerais. O Cercadinho nasce no bairro Olhos d'Água, na estação ecológica Cercadinho, conhecida na região como mata da COPASA e percorre cerca de 6,5 quilômetros, recebe as águas de seus afluentes, como o córrego Ponte Queimada, até desaguar no ribeirão Arrudas.

Ainda dentro da área da estação ecológica, as águas ainda limpas do córrego cercadinho são conduzidas para um duto de manilhas subterrâneas que atravessam alguns quarteirões sob ruas, prédios, e construções até serem despejadas novamente em seu leito original, já completamente negras, onde, ao descer, recebem esgoto de pelo menos cinco bairros antes de desaguar no ribeirão Arrudas, no bairro Salgado Filho.

Apesar da poluição, e de seu leito ter sido alterado em vários pontos, por conta de invasões e da expansão imobiliária na região, às margens do Cercadinho ainda são refúgio para alguns animais silvestres como micos, saracuras e pequenas aves, como maitacas, anus, cambacicas e sabiás-do-campo.

² O córrego **Ponte Queimada** é um dos cursos de água que compõem a bacia hidrográfica do Cercadinho, localizado na região Oeste de Belo Horizonte, Minas Gerais. Este córrego nasce na Serra do Cachimbo, no bairro Olhos d'Água e atravessa o parque Aggeo Pio Sobrinho. Posteriormente, percorre os bairros Palmeiras, Marajó e Havaí no fundo dos quarteirões com ocupação irregular em seu entorno até desaguar no córrego Cercadinho, tributário do ribeirão Arrudas.

Eduardo Viveiros de Castro (2014), tal desejo de Modernidade levará o “nosso” mundo a destruição - nosso aqui, seria o dos brancos, do modelo de vida europeu e americano - pois outros mundos – “dos povos originários, dos não humanos” - continuarão. Assim, no que parece uma caminhada rumo à destruição do mundo humano ou uma incapacidade de pensar outras formas de relacionamento multiespécies, é preciso afirmar o poder da imaginação. A respeito de formas de (auto-)organização multiescalares que possam promover novas imagens de mundo, o filósofo Rodrigo Nunes (2021) aponta direções ao não colocar no centro do debate ideias para adiar o fim do mundo, mas sim a experiência humana subjetiva e organizada, como aquela que pode oferecer uma ecologia política para tal adiamento. Não se trata aqui de pensar como poderia ser uma reorganização do mundo segundo ideias deste ou daquele indivíduo ou grupo, mas como ele já se organiza continuamente. Assim, entendendo a Mostra Córregos Vivos como um rede político-ecológica de múltiplas escalas que mostra processos de violência ao mesmo tempo que aponta poéticas de criação, discutiremos os modos como ela foi capaz de produzir imaginários revirando a história e expondo o tecido social existente, tanto na sua violência como na sua capacidade de responder aos desafios que despontam.

2. IMAGINÁRIO DOS CORPOS QUE ESCUTAM

Sobre Correspondente 1 e Correspondente 2³ trocando mensagens pelo Whatsapp:

89

Correspondente 1: Meu impulso para uma reflexão sobre água aconteceu motivado por contato com famílias lavradoras do Vale do Jequitinhonha.

Foram elas que, refletindo sobre a situação de suas águas. Me ensinaram que são muitas as pequenas, finas e leves de nascentes e minas; e as grossas e pesadas dos riachos e rios.

Me ensinaram que a água e vida, e como tal deve circular para todos. Como um direito que ninguém pode negar.

(...)

Correspondente 1: Não conheço esse cará!!! O nome é cará tramela??

Correspondente 1: Você usa ele como?

Correspondente 2: Este cará na produção e na rama.

Correspondente 2: Ficou 6 meses guardado sem geladeira.

Correspondente 2: Controla a glicose.

Correspondente 2: Não precisa replantar todo ano, ano choveu ele brota produz na sombra

³ Para garantir a privacidade dos participantes, todos os nomes foram substituídos por pseudônimos ou nomes fictícios.

Correspondente 2: Sobra da água que a gente usa.

Correspondente 2: Quando alguém de fora dorme aqui acorda e pergunta se está chovendo, mas é o barulho do córrego.

Correspondente 2: Nosso diferencial aqui são as águas quando vem pessoas de fora que conhece aqui trabalham aqui nunca mais quer ir embora.

Neste diálogo temos de um lado, Correspondente 1, professora universitária, pesquisadora da relação entre a água, populações tradicionais, agricultura familiar, gestão de bens e recursos comuns e contextos não urbanos. De outro, Correspondente 2, agricultora, moradora da cidade de Ribeirão do Eixo, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, e parte de movimentos que lutam contra a expropriação da água pela mineração. Entre os meses de outubro e novembro de 2020, trocaram correspondências pelo whatsapp⁴. Ficam claras duas questões que surgem no contato entre os diversos mundos que compõem o contexto de disputa pelas águas e rios. A primeira diz respeito à luta contra a mineração e outras formas extrativistas de expropriação do que deveria ser direito de todos. Nessa batalha empreendida por organizações de moradores de pequenas e médias cidades, como é o caso destes dois correspondentes, o objeto de disputa não é apenas a água, mas todo o saber envolvido a partir de tal elemento, como conhecimento de plantas, do lugar, da temporalidade. As cidades em que a mineração atua normalmente não veem visivelmente os desdobramentos de tal atividade na paisagem, pois estas ficam ou escondidas atrás de eucaliptais plantados em larga escala ou em regiões desabitadas dos municípios. Tal impacto é sentido nos modos como os itinerários cotidianos mudam: sons que deixam de existir e que marcam nos corpos dos moradores regimes de tempo; culturas de plantio que se perdem pela pobreza que o solo vai ganhando; o ar limpo que se torna empoeirado devido ao trânsito ininterrupto de caminhões e caminhonetes das empresas mineradoras. Já a segunda, ao modo como se conhece o mundo. Nomear de finas ou grossas as águas ou acordar com o barulho da chuva-córrego são formas de linguagem que mostram como os mundos são muitos. Dar nomes ou descrições próprias dizem respeito a modos de conhecer e compreender o mundo que estão distantes do projeto de Modernidade que se tentou colonizar o mundo abaixo da linha do Equador. Contra o epistemicídio de formas outras de conhecimento dados por formas produtivistas de organização e produção territorial em que as águas são objetos de pesquisa e neutralizadas em laboratórios, temos a água conhecida e medida pelo ouvido que escuta ou pela visualidade da grossura.

Sobre Correspondente 3 e Correspondente 4 trocando mensagens pelo Whatsapp:

Correspondente 3: E você mora bem perto do rio?

Correspondente 3: Das nascentes.

Correspondente 3: Você é uma cuidadora de nascentes, né?

⁴ Disponível em: <https://www.corregosvivos.com.br/ana-flavia>. Acessado em 13 de dezembro de 2021.

Correspondente 4: Sim sou cuidadora do córrego Laginha no Quilombo Mangueiras.

Correspondente 4: Ele é formado por três nascentes.

Correspondente 4: Daqui a pouco te mostro (...).

Correspondente 3: É muito triste mesmo lone, ver uma nascente se transformar em um curso para esgoto.

Correspondente 4: Sim muito triste a COPASA não importa porque precisa vender água.

Correspondente 3: E eu fico imaginando o quanto isso é ruim para as práticas curativas. como você disse, no entorno do rio sempre tem a presença de plantas medicinais, e água é sempre muito importante para benzimentos, né?!

Correspondente 3: No Rio Negro a água tem um papel muito grande para a formação das pessoas mesmo, desde que nascem.

Correspondente 4: Sim o Laginha também todos que nasceu aqui tomou banho nele há um ano estamos tentando junto aos órgãos ambientais e Copaza para retirada do esgoto das construções desordenadas no entorno do quilombo.

Correspondente 4: Eu trabalho com plantas medicinais e benzeção e desmotivados convidar a Copasa através de ofício para reunião e a mesma não comparecer.

Correspondente 4: Estão tratando os quilombolas com muita falta de respeito.

Correspondente 4: O tempo todo tentando nós invisibilizar.

Correspondente 3: Eu imagino o descaso da Copasa e das autoridades em resolver a situação.

Correspondente 3: É terrível.

Correspondente 3: E como estão os seres e as forças do rio com toda essa poluição?

Correspondente 4: Sim e temos a Eti onça a um quilômetro e meio do quilombo.

Correspondente 4: Estou na região do baixo onça.

Correspondente 3: No rio Negro, os benzedores têm um trabalho grande para tentar manter as energias vitais, porque desde que o “branco” chegou, a violência com os povos indígenas e exploração da floresta e dos rios desequilibrou tudo.

Correspondente 3: E o trabalho que deve ser feito para despoluir é muito complexo?

Correspondente 4: Sim aqui as fossas sépticas ambientais.

Correspondente 3: O problema do rio é muito complicado, né. Porque quem gera a poluição geralmente nem tem consciência da sujeira que está causando.

A Correspondente 4 é quilombola e agente comunitária, cuidadora de nascente no Quilombo Mangueiras, em Belo Horizonte. O Correspondente 3 é pesquisador, etnógrafo e investiga as relações multiespécies do planeta. Entre os dois, uma partilha paradoxal de experiência das águas. O Correspondente 3 teve de sair de Belo Horizonte, cidade por ele descrita como “cidade seca” por seus rios serem canalizados, para conhecer os rios caudalosos em outras cidades e a Correspondente 4 teve justamente de lhe reapresentar os rios, conforme mostrado nos vídeos e imagens na correspondência por eles produzida⁵.

O Correspondente 3 conhece Belo Horizonte e suas águas pelos noticiários e pela experiência de quem passa e habita a cidade em seu centro e áreas sem infraestrutura. A cidade, ao longo de seus pouco mais de cem anos de história, num projeto denominado de moderno pela sua Comissão Construtora em fins do século XIX, canalizou e tamponou seus cursos d’água, inicialmente e em sua totalidade dentro da regional centro-sul, na parte interna do anel da Avenida do Contorno - lugar onde se construiu o mito de que a cidade nasceu ali, limitada e controlada, sendo que se sabe que foi justamente o contrário (Silva, 2014). Tal projeto de canalização se espalhou pelo restante da cidade, mas não em suas periferias, notoriamente conhecidas como lugares em que a infraestrutura básica é ausente, não apenas em Belo Horizonte, mas na grande maioria das cidades do país. São nesses territórios, normalmente localizados nas cabeceiras dos rios (Silva, 2014) que as águas reaparecem e é de um desses lugares que fala Ione. Moradora do Quilombo Mangueiras, localizado entre as cidades de Belo Horizonte e Santa Luzia, mas dentro da região metropolitana de Belo Horizonte. Ela desenvolve o trabalho de cuidadora de nascentes do Comitê de Bacia do Rio das Velhas, atuando no projeto de Valorização das Nascentes Urbanas na Bacia Hidrográfica do Ribeirão do Onça. O quilombo, reconhecido no ano de 2018 como patrimônio cultural do município pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Belo Horizonte tem a mesma idade da cidade. Ione, em seu “trabalho com plantas medicinais” conforme dito acima, considera que “a maior parte do nosso quilombo trabalha com a horta urbana e vendemos os produtos aqui mesmo. Plantamos desde cana para fazer o caldo de cana, couve, salsinha, cebolinha entre outras ervas” (Baggio, 2021). Para o quilombo, cuja existência depende não só materialmente, mas ritualisticamente da água; proteger as nascentes é proteger a sua própria existência como povo quilombola.

Mais do que explicações técnicas, são diferentes os mundos em que os interlocutores habitam. Na Mostra Córregos Vivos, na parte Correspondências, foram colocadas em contato via troca de mensagens de Whatsapp diferentes pessoas Moradoras de Belo Horizonte com experiências relacionadas aos rios em diversas partes do país (Rio Negro, no Amazonas ou Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais) e moradoras de áreas não centrais (Quilombos Mangueiras e Montes Claros). Em comum, partilham o interesse pelas águas e o que significa habitar as águas. Enquanto os dois primeiros em suas temporárias experiências fora do centro urbano conseguem ter um vislumbre do que é viver com elas, as outras mostram com seus corpos, seus dizeres, sua linguagem, sua “escrivência”. Nessa distância, o imaginário

⁵<https://www.corregosvivos.com.br/ione-nian>

se mostra como campo não de disputa, mas de compartilhamento. Aqui é o ponto inicial: compartilhar o que é incomum.

3. IMAGINÁRIO DAS HISTORIOGRAFIAS VAPOROSAS

“Havaí

Em buscas de rotas biogeográficas originárias

Mucuri/Bahia, 22 de outubro de 2020

Perdi o sono quando comecei a lembrar da paisagem descoberta em Belvedere, lembrando dos moradores que não tocam mais o chão. Na minha postura investigativa, queria saber de onde estavam vindo bichos e plantas que tomaram conta das ruas entre as altas torres, deveria haver um corredor ecológico por ali.

Durante a madrugada, naveguei pela Bacia do Cercadinho e após vasculhar cursos de água, casas, prédios e esquinas, procurando pistas de conexões verdes da paisagem, me lembrei de um fato. Há algumas semanas atrás, havia recebido a foto de uma agente de saúde na região, na legenda ela dizia que tinha encontrado uma casa muito diferente no Havaí, que ficava a poucos metros do córrego e tinha a fachada tomada por plantas. Na mensagem ela reforçou que poderia ser uma fonte interessante. Quando cheguei próximo do local narrado, não podia imaginar aquele cenário. Quis ligar para Carla, Sarah, Núria e Elisa, mas eram quase duas horas da madrugada e elas provavelmente estariam dormindo. Talvez Núria e Elisa não, por estarem cuidado de Rita e Lino, mas não quis atrapalhar.

Me vi perdida pelas ruas de Havaí. Por ali era difícil entender o que estava acontecendo. Achei a casa relatada pela agente: cipós se emaranhavam em ritmo ao redor da moradora. Seus braços se confundiam com os galhos lenhosos, acho que estavam fusionados. Dizem que os moradores de Havaí nunca largaram o chão, e de tanto pisarem firme por ali, acabaram criando raízes. Eram raízes profundas e ramificadas, que lhes permitiam atingir o lençol freático. Por isso nunca faltou água.

*Resolvi entrar na casa, para meu espanto ali estavam os cactos *Arthrocereus glaziovii*, a violeta *Sinningia rupícola* e a orquídea *Gomesagracilis*. A dona da casa gentilmente me disse que elas nunca haviam saído dali. Comentou que os moradores de Belvedere, na época que ainda tocavam o chão, tinham o estranho hábito de tirar ferro das montanhas e seu entorno, para fazer uns equipamentos que os ajudariam a subir cada vez mais, o que matava plantas e bichos. Então disse que durante esse processo, essas espécies se esconderam entre as raízes da vizinhança de Havaí, e que hoje eram abundantes em todo território. Fiquei espantada, porque achava que aquelas plantas eram raríssimas e ameaçadas. Quis pegar uma amostra para fazer análises de DNA e confirmar a identificação das espécies, mas a moradora antecipou que não era preciso. Enfiou os olhos debaixo da água e virou peixe. Pelas lentes límpidas do seu olhar eu pude enxergar os caminhos percorridos por aquelas espécies, confirmando suas rotas biogeográficas*

originárias.

Dizem que em Havaí é possível inventar o tempo. Lugares insulares guardam sempre padrões à parte, especiais e inspiradores, já diziam os naturalistas Humboldt, Darwin e Mc Arthur & Wilson. De volta à sua forma de mulher, a moradora me sugeriu pensar em Gondwana, aquele supercontinente que ligava América do Sul e África. Acho que tive dificuldades em fazer a conexão. Fechei os olhos, creio que não consegui chegar ao supercontinente, afinal, sou aspirante a viajante do tempo. Quando dei por mim, estava no Paleozóico, rodeada de preguiças gigantes e tatus do tamanho de fuscas. A moradora, delicadamente, me disse que eles saíam do seu quintal para Belvedere, todo dia migravam muitos bichos e plantas para habitar os terrenos entres as torres. Fiquei imaginando as preguiças gigantes tentando escalar os enormes edifícios. Mais incrível foi ver em um bloco rochoso a famosa Pitcairnia feliciana, uma planta endêmica da Guiné central na África Ocidental e a única espécie de bromélia que não é nativa das Américas. Essa planta era encontrada crescendo em afloramentos de arenito das terras altas de Fouta Djallon, no centro da Guiné. E agora crescia ali nas terras altas e rochosas do Quadrilátero Ferrífero. Diferentemente dos moradores de Belvedere, os habitantes de Havaí gostavam de ter mais de uma espécie de bromélia nos seus quintais, e não somente uma espécie dominante. Mais interessante, eles não arrancavam as plantas das rochas que habitavam a região, mas encontravam mágicas rotas guardadas na memória das plantas e materializadas na rica biodiversidade, e que depois eram usadas em complexos sistemas de curas. Pacientemente, a moradora disse que África e América do Sul ainda se fundiam ali, num movimento orogenético potente, e já que eu não tinha chegado a Gondwana, reforçou que ainda podia experimentar os dois continentes de uma vez. Eu queria muito levar uma amostra, então a moradora arrancou uma estaca do cipó africano lágrima-de-cristo da frente da casa, em que podia-se ver as flores vermelhas com cálice rosado. Mas antes de me entregar, ela me alertou do risco: uma vez em contato com aquelas plantas, o DNA dos meus sentidos e o meu senso de orientação nunca mais seriam os mesmos.

Anotações:

Carla nos diz que podemos ver o Havaí como uma ilha, envolta pelos dois rios – Cercadinho e Ponte Queimada.

Os moradores do Havaí eram trabalhadores das antigas fazendas e foram desapropriados pela prefeitura. Eles choraram muito quando tiveram que sair. Choraram de encher o rio, como chuva de verão.

“O Havaí, seja aqui

Tudo o que sonhares

Todos os lugares

As ondas dos mares

Pois quando eu te vejo

Eu desejo o teu desejo”

Dentro da Mostra Córregos Vivos foram feitos trabalhos comissionados escolhidos por meio de edital. Foram apresentados seis temas - Jardins Vivos, Histórias Locais, Economia dos Afetos, Nascentes e Matas, Morar na Bacia e Pinturas de Território. A partir de cada um destes trabalhos, foram escolhidos grupos e/ou montados para desenvolver seus trabalhos a partir de um contexto comum: a bacia hidrográfica do Cercadinho, em Belo Horizonte. Nesta carta escrita em 22 de outubro de 2020, temos uma narrativa escrita dentro do tema Jardins Vivos.

O tema **Jardins Vivos** foi proposto pelos curadores da Mostra, colocando em questão a diversidade ecológica da Bacia Hidrográfica do Cercadinho a partir de seus pequenos bolsões naturais:

“Múltiplas abordagens etnobotânicas são possíveis no meio urbano; começamos com as mulheres. Elas cuidam de quintais e guardam a biodiversidade das plantas, conhecendo sua riqueza alimentar, medicinal, ornamental, diferenciando aquelas plantas que protegem e guardam as casas. Muitas das plantas contam histórias de amor e afeto. Na bacia do Cercadinho, ecossistemas são produzidos pelas relações entre os diversos vivos, constituindo redes de interdependência a partir das afetações entre eles. A noção de jardim é ampliada para uma simbiose bio relacional e a bacia é entendida como uma outra cosmologia, e não apenas como uma área por onde se delinea um córrego.”⁶

95

Na carta acima, temos a convergência espaço-temporal de Guiné na África Ocidental, Quadrilátero Ferrífero (região caracterizada pelas reservas de ferro, no estado de Minas Gerais), Havaí e Belvedere (bairros localizados dentro da bacia do Cercadinho), paleolítico e hoje. Acompanhando a caminhada dos naturalistas Humboldt, Darwin e Mc Arthur & Wilson, entrevemos nessa correspondência o que diz respeito a todos. Sem distinções políticas, onde o planeta é território a ser descoberto pelos “lugares insulares (que) guardam sempre padrões à parte” como citado acima, tudo parece possível. Entretanto, numa virada colonial geopolítica que aterra na Bacia do Cercadinho, os moradores do Havaí, trabalhadores das antigas fazendas, foram desapropriados pela prefeitura e expulsos de suas moradas. História que se repete como padrão em outros lugares obedecendo a lei do mercado imobiliário: produzir terra urbana para comercializá-la. Não coincidentemente, o urbanismo surge não como prática de melhoria de vida nas cidades, mas como prática de engenharia e administração de recursos no século XIX para se tornar ferramenta de valorização de terras e terrenos (Choay, 2003).

⁶ O texto foi retirado da convocatória de grupos de trabalho, estando disponível em <https://www.corregosvivos.com.br/convocatoria>, acessado em 13 de dezembro de 2021.

Em momentos de vigília, entre o estar acordado e dormindo, sonhos de bichos preguiça e cipós subindo os prédios de mais de quarenta andares do bairro do Belvedere, local de moradia daqueles de alto poder aquisitivo na cidade de Belo Horizonte construído a partir de tramoias politiquieras feitas por donos de terra, vereadores e mercado imobiliário. Passado, presente e futuro se amalgamam e tomam forma de imagens críticas que exploram a ideia de matéria-prima contida no solo e subsolo da bacia hidrográfica do Cercadinho como aquela que vai erigir as torres residenciais, explicadas em cartas dentro do mesmo livro⁷. Ainda que o Havá tenha se tornado loteamento, os rios Cercadinho e Ponte Queimada continuam ali, abertos e fonte de outros sonhos de uma cidade que poderia ter sido outra se tivesse visto seus rios não como problemas a serem consertados, ou problemas daqueles que não têm como politicamente agir dentro de instituições públicas ou ainda, como elementos naturais de valorização da paisagem (Camargos, 2019).

O lençol tá abaixo do solo, ah! a menos de 10 metros

a água é purinha.

Foram soterradas várias lagoas,

multíssimas lagoas foram soterradas

para fazer crescer o Bairro Buritis

e esses demais

bairros. Foi uma época boa.

Inclusive eu tenho umas fotos históricas dessa região.

Eu gosto muito de História. Porque a História é que marca um país, que marca uma sociedade. E quando a história é mal contada as pessoas ficam distorcidas. O bom é clareza. Inclusive o mal do Brasil é que a mal escrita, toda torta.

Esses bairros foram construídos

em cima de água. Muita água mesmo.

Eu era um dos poucos que possuía máquina de fotografar naquela época. Aquelas Kodak antiga, que eu comprei

até no antigo, na antiga Galeria do Ouvidor.

Quando eu casei, por volta de 1968, isso aqui era corregozinho, uma água branquinha, você via até as piabinha nadando, que bonitinho

Ali desce uma água fedida, que você precisa ver.

⁷ Para acessar o livro, entrar no link - <https://www.corregosvivos.com.br/jardins-viventes> - e clicar no escrito "Leia o Diário Imaginista de Conexões Instáveis".

Ali desbarrancou, quase jogou a casa da dona no chão.

Aí eles vieram, fizeram uns remendos aí.

Minha casa tá toda barrada

de água da rede esgoto.

A rede de esgoto tá parada lá em cima,

ao invés deles fazerem a caixa direitinho,

descendo para cá.”

Nos trechos acima do livro *Tempo Rio*⁸, de autoria de moradores e ex-moradores da Bacia do Cercadinho, descortina-se uma relação intrincada e contraditória aterrada nos bairros que fazem parte da Bacia do Cercadinho, cheia de exclusões, lacunas, violências tanto materiais como visuais.

A história da Bacia do Cercadinho tem início, meio e fim dentro da história da construção da capital moderna mineira. Considerada uma Fazenda localizada na parte rural da ainda “em construção” capital de Minas Gerais, serviu de território produtor de insumos, como alimentos e matéria-prima para a zona urbana e suburbana de Belo Horizonte “já construída”. A história escrita pelos historiadores promovedores da ideia da Modernidade mineira apagou rastros de qualquer anterioridade - seja aquela existente antes da capital, ou a persistente após a construção da capital. De fazenda a abastecedora, depois foi loteada e tornou-se bairro da cidade moderna. No fim dos anos 80 e início dos 90, surgiram grandes loteamentos - Buritis e Belvedere - que afirmaram ainda mais o destino de Belo Horizonte como capital da mineiridade moderna.

97

No entanto, vendo álbuns de fotografias familiares, escutando as memórias de moradores e lendo diários pessoais, o território a que o trecho acima se refere traz uma outra história. Pelos intrincados caminhos de tempo históricos, a Terra é tornada Fazenda pela Lei de Terras no século XIX, o que significou a expulsão de famílias ali moradoras, como as do bairro Havaí descrito anteriormente. Lugar de produção de insumos para o centro urbano era também lugar de vida cotidiana fora do giro da nova capital mineira dita “moderna”. A história “escrita, toda torta”, não fala o que na memória está impregnado pelos corpos: prédios construídos sobre as águas. E essa história volta ou se mostra como a atualidade em inundações, terras deslizando, soterramentos, rios transbordando (Silva, 2019).

Provocativamente, a investigadora em cultura visual Azoulay (2019) desloca a invenção da fotografia do século XVIII e XIX para o ano de 1492, não com base em progressos técnicos ou novidades tecnológicas que permitiram a descoberta e comprovação de tal invenção

⁸ <https://www.corregosvivos.com.br/historias-locais> - clicar em "Clique aqui para acessar o livro Tempo Rio".

mais de 200 anos depois, colocando-o como fato histórico. A especulação de Azoulay sobre a criação da máquina fotográfica não é para ser considerada como verdade, mas tem como objetivo fazer pensar sobre a imagem. Ao fazer tal incitação ao imaginar a autora coloca em questão que “deveríamos desaprender as origens da fotografia conforme definidas pelos que foram coroados como seus inventores e por outros empreendedores privados e estatais, assim como sua associação com uma tecnologia que pode ser reduzida a aparelhos específicos carregados por operadores individuais”. Como narrado na citação acima “Eu era um dos poucos que possuía máquina de fotografar naquela época. Aquelas Kodak antiga, que eu comprei até no antigo, na antiga Galeria do Ouvidor”, a memória fica à mercê da prova material. Testemunhos de moradores antigos ficam reféns de uma comprovação na qual somente o uso de uma máquina que não tem como ter acesso, poderia prover. É preciso escutar e ver nas memórias e rastros, o que imagens aéreas e câmeras fotográficas de última geração querem desmerecer, testemunhos de uma história que foi mal contada.

Assim, o tema **Histórias Locais**, proposto pelos curadores da Mostra, teve como objetivo também problematizar justamente a história contada pelos mais diferentes agentes, suas narrativas, suas verdades, não apenas para pôr em questão, mas também para preencher lacunas antes não visualizadas.

98

“Censos, atlas e museus: estatísticas que definem um povo, sua localização geográfica e história de origem; contra tais narrativas oficiais, há de se discutir quais as gentes que habitam a bacia do Cercadinho, quais múltiplas geografias são produzidas diariamente no território, quais histórias são narradas e compartilhadas pela memória pelos/as moradores/as. (...) Entre lembranças pessoais, documentos oficiais e produções autorais, quais os rastros e vivências permanecem ou podem ser resgatadas?”⁹.

4. IMAGINÁRIOS BANCÁRIOS

O grupo formado a partir do tema **Economia dos Afetos** começou da seguinte provocação:

“Renda básica e cidadã, economia solidária, moeda social são termos e conceitos que apontam para uma economia baseada não em valores monetários abstratos mas sim em afetos próximos e locais compartilhados. Assim, pensando as águas da bacia do Cercadinho como vivente carregado de afetos produzidos, quais valores podem ser negociados? Quais moedas e imagens podem ser pensadas?”¹⁰

Juntamente com tais questões levantadas, o grupo produziu duas mesas remotas de debate dentro da Mostra com o objetivo de discutir os questionamentos envolvidas no tema - moe-

⁹ O texto foi retirado da convocatória de grupos de trabalho, estando disponível em <https://www.corregosvivos.com.br/convocatoria>, acessado em 13 de dezembro de 2021.

¹⁰ O texto foi retirado da convocatória de grupos de trabalho, estando disponível em <https://www.corregosvivos.com.br/convocatoria>, acessado em 13 de dezembro de 2021.

da social, renda cidadã, economia solidária, solidariedade - sendo elas: *Moeda social e outras economias possíveis: experiências solidárias*¹¹, *Novos Mundos a partir da Solidariedade*¹².

Assim, “partindo do desejo e necessidade popular de uma autossuficiência financeira em tempos de precarização da vida e do trabalho, o grupo Economia dos Afetos se propôs a discutir outras formas de imaginar nossas vidas, de maneiras mais solidárias e coletivas a partir da ideia do Banco do Cercadinho.” Usando dos desdobramentos que a ideia de um banco comunitário poderia sugerir, o grupo junto a alguns moradores interessados e após uma primeira chamada pública em que se recorreu a contatos na região, propôs provisoriamente a ideia de criação do *Banco do Cercadinho*. Como bem se sabe, na metodologia de criação de um banco comunitário, desde o nome até a criação de uma moeda social própria, todas as decisões devem ser o mais abertas e coletivas possíveis (Melo Neto Segundo e Magalhães, 2009). Assim, com o intuito de popularizar a ideia junto aos presentes participantes e torná-la instrumento de mobilização dos moradores, foram reuniões organizadas entre setembro e outubro de 2021 com membros de organizações locais¹³. Em paralelo, tentando parcerias com outras organizações, tentando fazer parte de redes já existentes de ideias para melhoria de vida na regional oeste e Belo Horizonte. Junto a tal chamada foram produzidos *flyers*, *stickers*, *jingles* e vídeos com lideranças locais, convidando moradores para a discussão, construindo um processo a muitas mãos e que se desdobrou em encontros e atividades¹⁴. O modo como tal ideário provocou o imaginário das pessoas pôde ser visto no grupo de whatsapp, em uma postagem feita por uma das moradoras na região da bacia hidrográfica, também membro de um dos vários movimentos que aderiram a proposta:

“BC

Banco Central?

Não.

Banco Cercadinho.

Trem xiknuhurtimuh.”

A construção de um slogan como “Trem xiknuhurtimuh”, neologismo para “trem chique até o último” mostrou a penetração de tal imagem na consciência coletiva. A ideia de um banco que não se atrela às instituições públicas, ora vistas como burocráticas ou distantes

¹¹ LIVE transmitida e disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E9Jlcibvg6k&feature=emb_logo. Acessada em 13 de dezembro de 2021.

¹² LIVE transmitida e disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=idbdd-OdO6M>. Acessada em 13 de dezembro de 2021.

¹³ Participantes das reuniões: Grupo Economia dos Afetos (Julia Ho, Clarice Flores, Frederico Canuto, Lila Gaudêncio, Tania Santos), Braulio Lara (ABB), Paulo Gomide (ABB), Carla Magna (Palmeiras), Pablo Cardoso (EE - Palmeiras), Gladson Reis (AMB Vila Betânia), Frente de Resistência Oeste, CEMAR (Centro Municipal de Agroecologia).

¹⁴ Sobre o processo ver: <https://www.corregosvivos.com.br/economia-afetos>. Acessado em 13 de dezembro de 2021.

demais da realidade local, ora apenas como máquinas produtoras de dinheiro e desinteressadas da realidade local, mas sim ao território vivido e a capacidade de gerenciamento pela própria população organizada local tornou-se um horizonte compartilhável com vários dos interessados. No primeiro encontro coletivo e público sobre o banco do Cercadinho, denominado pelo grupo de *1a Grande Assembleia do Banco do Cercadinho*¹⁵, foram convidadas pessoas que já estavam envolvidas nos processos de discussão quanto outras que desconheciam o projeto. Estas outras pessoas foram chamadas através de um motossom, como atestado por uma fala no vídeo do evento, como é o caso de um dos moradores do bairro Palmeiras:

“Meu nome é Morador 1 e eu ouvi ontem uma moto com aparelhos de som divulgando no bairro e eu me interessei em buscar essa informação porque não conhecia. Não conhecia esse projeto no bairro e por um momento até pensei que fosse alguma coisa de outra natureza. Mas aí eu fiz uma pesquisa e tô aqui participando com vocês”.

Experiências foram trocadas, como no caso da moradora 2: “Todos os bancos comunitários que eu conheço, nesses 123 bancos no Brasil, não tem nenhum banco comunitário, por enquanto, no centro da cidade, geralmente eles nascem na periferia”. Preocupações foram colocadas:

100

*“Como nós vamos trazer a comunidade de fato? ou lideranças que se quer estejam institucionalizadas que possam realmente nos ajudar a fazer uma mobilização de base que ajude a nascer, a criar algo, que tenha viabilidade real. (...) Sem um trabalho de base, vamos morrer na praia. É esse o sentimento. (...) Desde o início eu fiquei muito entristecida e vou usar uma expressão que costumo usar muito desde muito tempo, só tinha Caciques, os índios ainda não foram informados que estamos pensando nisso. Acho eu que nós temos que repensar a metodologia e buscar outras formas de conversar com a comunidade”.*¹⁶

O importante foi compreender como a ideia do banco surgiu como um dispositivo-provocador mais do que uma realidade que realmente pudesse se colocar de antemão, advinda de algum tipo de institucionalidade exterior ao próprio grupo. A ideia foi usada como uma função-vanguarda, como descreve Nunes (2021, 163): “uma vanguarda é vanguarda apenas se há algo que a segue e eventualmente se funde a ela. Sendo assim, é um descolamento temporal (...) visto que por definição a vanguarda deve desaparecer”. O Banco do Cercadinho surge como ideia que deve se provar, não como algo dado, mas cuja “(...) legitimidade se dá ao final (...) ou pelo tempo que ela conseguir se manter (...) onde seu sucesso depende sempre de sua capacidade de atrair apoio” (Nunes, 2021, 167). Ou seja, a vanguarda só se prova se for capaz de construir ao redor de si uma rede

¹⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=L05GpsqhRUK&feature=emb_logo. Acessado em 13 de dezembro de 2021.

¹⁶ Trecho de uma fala disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=L05GpsqhRUK&feature=emb_logo. Acessado em 13 de dezembro de 2021.

e se inserir ao mesmo tempo numa rede. Portanto, o banco é um polo ou uma questão (mas não necessariamente os únicos) que permite nucleações com outras questões, como os rios. Por isso, o nome do rio Cercadinho no banco: aderir a ideia da economia a questão das águas e rios urbanos.

É importante problematizar a ideia de economia solidária, em que o banco comunitário é apenas uma parte, já que surgiu não como política governamental, mas sim como forma de gerenciamento de economias alternativas à emergência ainda não consolidada do capitalismo no século XIX. Portanto, não é uma economia organizada por uma exterioridade, mas pelos sujeitos interessados. No caso das periferias urbanas do Brasil, tal ideia de economia mais solidária e ainda que diversa, próxima da popular, vem de longa data. O caso do banco Palmas e da moeda Bem, ambos discutidos em *lives* pelo grupo¹⁷, ainda que com mais exceções do que regras, são experimentos populares e autogestionários surgidos inicialmente em contexto de precarização e parte de uma rede de relacionamento informal, já que foram desenvolvidos pelos moradores e não via políticas públicas.

Ainda que tenha obtido reconhecimento tardio com a criação da Secretaria Especial de Economia Solidária liderada pelo sociólogo Paul Singer durante os governos do PT (Partido dos Trabalhadores), a ideia de bancos solidários como alternativa ao sistema hoje se encontra diminuta com a ascensão do Neoliberalismo econômico hegemônico, não porque inexistam iniciativas, mas porque não encontram um ambiente ou ecologia em rede fértil suficiente para se tornar uma outra hegemonia, menos centralizada e mais distribuída. No entanto, isso não significa que contextos periféricos não coloquem em questão valores, moedas e sua economia de formas mais solidárias, articuladas com a ideia de ajuda mútua, tal como um banco comunitário se colocaria.

5. IMAGINÁRIOS VISUAIS EM JOGO

Os expedicionários naturalistas, exploradores e documentadores de regiões inóspitas como da nascente urbanização colonial, durante os séculos XVIII e XIX, foram aqueles que com pincéis e tintas, antecipando até mesmo a própria fotografia, tomaram de assalto o imaginário da não-Europa. Pintando quadros o mais realistas possíveis com o intuito de apresentar na metrópole europeia os diversos mundos que existiam para além do Atlântico, construíram paisagens inóspitas chamadas de exóticas porque diferentes. Usando da imagem como fonte de verdade e realidade, e da visualidade como centralidade para uma colonização mental (Dossin, 2018; Dussel, 1992), uma metodologia imagética imperialista foi forjada nas selvas e centro urbanos em crescimento nas colônias europeias, produzindo um base para uma ciência que se desdobrará nos zoológicos humanos tornados comuns, a saber, os museus, as feiras e as instituições científicas, todos interessados numa inferiorização daquele não nascido na Europa, pela criação de uma diferenciação denominada de raça, na desumanização pela

¹⁷ Live transmitida e disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E9Jlcibvg6k&feature=emb_logo. Acessada em 13 de dezembro de 2021.

escravidão dos povos africanos devido a cor (Koutsoukos, 2020) e dos povos originários pelo grau diverso de civilidade, chamado por eles de selvagens.

No tema **Pinturas de Território**¹⁸, a representação quase documental e considerada real pelos Naturalistas é repensada a partir do momento em que as pintores são outras - mulheres, brasileiras, moradoras da permanente que constantemente têm seu corpo desconsiderado como força de trabalho dentro da própria luta de classes, conhecedoras de uma história de (má e perversas) representações, não viajantes, nem expedicionárias do outro exótico, mas habitantes de uma mesma coletividade. Numa abordagem descentralizada, porque não reprodutora de um exotismo, as paisagens pintadas e filmadas por elas não são e nem servem como fotografias tiradas à distância ou observações não engajadas, sendo antes imagens abertas de pedras (de minério, principal *commodity* extrativista em Minas Gerais, Brasil), de peixes mortos e rios que sangram (tais como aqueles que receberam em 2015 toneladas de minério em seu leito devido ao crime de rompimento de barragem pela Vale), de imagens aéreas (da urbanização das cidades), de cortes em terras (para construção de torres de apartamentos), de paisagens naturais plastificadas (pelo agronegócio, pelo extrativismo, a natureza se torna artificialidade pela manipulação e industrialização do campo)¹⁹.

Ao mesmo tempo, a paisagem responde. Como num jogo de espelhamento, outras imagens produzidas também são de outras autorias. Artistas visuais produzem representações vindas de dentro, por moradores eles mesmos, autores de si. Como objetos ou hieróglifos na paisagem construída, rastros de uma presença humana e longe do selvagem visto pelo europeu, sua aparição se dá ora como pinturas nas paredes de lugares comuns para quem ali habita (o aventureiro pintor), ora esculpidos como parte da fauna local, posta ali decorativamente porque simplesmente combina e não qualquer outro motivo intelectual ou conceitual de cunho museográfico, ora lembrando sua adolescência de nadador do córrego do Cercadinho, do qual não tem fotos, mas tem imagens²⁰.

Nestas respostas anti-etnográficas, porque não pintam ou esculpem outro senão a si mesmos e sua percepção de mundo, se postam também como etnógrafos participantes junto do colonizador, se apropriando de códigos e modos de fazer da arte reproduzida em galerias e feiras de arte, ensinados nas escolas de Belas Artes, interpelando símbolos e produzindo suas próprias imagens. Ainda que tais pinturas e esculturas não remontem a uma arte naif e nem mesmo a arte contemporânea, dizem menos de um desejo de inserção mercadológica e mais da produção de imagens dos próprios e de suas histórias, apropriando-se de muros, praças e paredes de casa. Contra o museu que transforma tudo

¹⁸ Os trabalhos estão disponíveis em: <https://www.corregosvivos.com.br/pinturas-territ%C3%B3rio-I>. Acessado em 13 de dezembro de 2021.

¹⁹ Os trabalhos estão disponíveis em: <https://www.corregosvivos.com.br/pinturas-territ%C3%B3rio-I>. Acessado em 13 de dezembro de 2021.

²⁰ Esses trabalhos foram feitos pelos artistas moradores da Bacia do Cercadinho. Os trabalhos estão disponíveis em: <https://www.corregosvivos.com.br/pinturas-territ%C3%B3rio-I>. Acessado em 13 de dezembro de 2021.

em história passada, em documento histórico, em objeto de escavação arqueológica cuja ciência serve de tradução entre tempos, aqui a arte serve para afirmar a presença e tornar atual sua própria constância enquanto função de produtora de imagens. Contra estatísticas sem nome, ela serve para dar corpo e presença nas ruas do cotidiano, no tempo lento do bairro, através do rio Cercadinho, sua fauna e vida.

Mas, o próprio território não como objeto a ser representado ou emoldurado, também é visualizado como construção potente a partir das imagens daqueles que não sabem pintar ou esculpir, mas que tem em suas memórias potencial para recriar, diferentemente. Nos jogos pedagógicos produzidos como parte da Mostra, desenvolvidos durante a disciplina “Interfaces para articulação socioespacial de uma terra comum ao longo do Córrego Cercadinho”²¹, foram criadas interfaces que permitem aos moradores construir decisões coletivas, tomando consciência dos processos que envolvem o consumo alimentar e o abastecimento, problematizando as águas. Com esses instrumentos visuais, não se trata de representar o que há, mas investir subjetivamente a partir de jogos visuais em imagens do que pode vir a existir através de colagens visuais e jogos de cartas.

NOTA - O presente capítulo foi produzido a partir da relação da **Mostra Corregos Vivos** com as seguintes pesquisas em andamento: *Narrativas Democráticas: Imagens a partir do Sul Global* financiada pelo CNPQ, *Narrativas da Violência: Junto, de perto e de dentro* e *Pedagogias Políticas da Cidade: Arte, Urbanismo e Democracia*, ambas financiadas pela FAPEMIG.

103

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azoulay, A. (2019). Desaprendendo as origens da fotografia. *Revista ZUM*, n. 17. <https://revistazum.com.br/revista-zum-17/desaprendendo-origens-fotografia/>. Acessado em 10/01/2022.
- Baggio, L. (2021, February 02). Quilombo Mangueiras e a luta pela preservação de seu território na bacia do Rio das Velhas. Comitê da Bacia hidrográfica do Rio das Velhas <https://cbhvelhas.org.br/noticias-internas/quilombo-mangueiras-e-a-luta-pela-preservacao-de-seu-territorio-na-bacia-do-rio-das-velhas/>. Acessado em 10/01/2022.
- Barthes, R. (2015). *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. São Paulo, SP: Nova Fronteira.
- Borsagli, A., Ferreira, R. G. B. (2018). *Horizontes Fluviais*. Belo Horizonte, MG: Clube dos Autores.
- Camargos, D. (16 Setembro 2019). Projeto resgata plano que previa respeitar cursos de rios e córregos de BH. *Jornal Estado de Minas*. https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/09/16/interna_gerais.688759/projeto-resgata-plano-que-previa-respeitar-cursos-de-rios-e-corregos-d.shtml. Acessado em 10/01/2022.
- Castro, J.E. (2016). A água (ainda) não é uma mercadoria: aportes para o debate sobre a mercantilização da água. *Revista UFMG. Especial Águas*. 20(2), 190–221. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2697>. Acessado em 10/01/2022.

²¹ <https://www.corregosvivos.com.br/pedagogico>. Acessado em 13 de dezembro de 2021.

- Choay, F. (2003). *O Urbanismo. Utopias e Realidades. Uma Antologia (1965)*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Danowsky, D., Viveiros de Castro, E. (2014). *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis, SC e São Paulo, SP: Desterro, Cultura e Barbárie e Instituto Socioambiental.
- Dossin, F. R. (2018). Sobre o regime de visualidade racializado e a violência da imageria racista: notas para os estudos da imagem. *Revista Anos* 90, 25(48), 351–377. <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/77582>. Acessado em 10/01/2022.
- Dussel, E. (1992). *1492 - El encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad*. Buenos Aires: EdicionesAntropos.
- Galizoni, F. M., Robeiro, E. M. (2016). Água, Terra e Família: uma etnografia dos recursos hídricos nas comunidades camponesas da mantiqueira mineira. *Revista UFMG. Especial Águas*, 20(2), 68–93. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2691>. Acessado em 10/01/2022.
- Hall, S. (2016). *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. PUC-Rio.
- Koutsoukos, S. S. M. (2020). *Zoológicos Humanos. Gente em exibição na era do imperialismo*. Campinas, SP: UNICAMP.
- Latour, B. (1996). *Jamais fomos Modernos*. São Paulo, SP: Ed34.
- Latour, B. (2020). *Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. São Paulo, SP: Ubu.
- Marques, S., Campos, R. (2017). Políticas de visualidade, práticas visuais e a construção de espaços de imaginação. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 06(02), 05-10. <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.1250>
- Melo Neto, J. J.; Magalhães, S. (2003). *Bairros pobres, ricas soluções: Banco Palmas, ponto a ponto*. Fortaleza, CE: Expressão Gráfica.
- Nunes, R. (2021). *Neither Vertical, Neither Horizontal. A Theory of Political Organization*. London: Verso.
- Nunes, R. (2014). *Organization of the Organizationless*. London: Verso.
- Regaldo, F., Andres, R. (2013). *Guia do Morador de Belo Horizonte*. Belo Horizonte, MG: Piseagrama.
- Silva, C. (2019, January 29) Fotos mostram situação do Bairro Buritis após temporal na noite passada. *Jornal Estado de Minas*. https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/01/29/interna_gerais,1117852/fotos-mostram-situacao-do-bairro-buritis-apos-temporal-de-terca.shtml. Acessado em 10/01/2022.
- Silva, M. de A. (2016). Aos Destituídos, as Cabeceiras. O Lugar das favelas em Belo Horizonte. *Revista UFMG. Especial Águas*, 20(02), 94–123. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2692>. Acessado em 10/01/2022.
- Singer, P. (2016). *Introdução a Economia Solidária*. São Paulo, SP: Perseu Abramo.
- Souza, M. L. (2006). *A Prisão e a Agora. Reflexões em torno da Democratização do Planejamento e da Gestão das Cidades*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Viveiros de Castro, E. (09 outubro 2017). O modelo e o exemplo: dois modos de mudar o mundo. *Ciclo UFMG*, 90: Desafios Contemporâneos, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_PFE54pj1wU. Acessado em 10/01/2022.